

Raízes da Essência

Autor: Ton Rangel
FACULDADE ENIAC

Orientador: Dr. Daniel de
Oliveira. PROFESSOR. FACULDADE
ENIAC

Coautor: Dra. Nanci
Geroldo. PROFESSORA.
FACULDADE ENIAC

1. Introdução

Este escrito é fruto de nossa percepção de mundo que, conforme nosso desenvolvimento, percebemos sucessivas confirmações da necessidade do autoconhecimento que podem ser usadas como base da aprendizagem pessoal, enquadrando-se este como artigo não-científico, mas filosófico.

O Raízes da Essência é construído como um passeio. Neste estudo, daremos asas à imaginação e caminharemos por alguns lugares que nos farão refletir e, ao final, poderemos caminhar para dentro de nós mesmos ou, quem sabe, voltarmos com o produto de nossa lucidez. O objetivo de tal artigo é o de abrir as portas para o despertar intelectual e espiritual de quem deseja por assim fazer, bem como sua manutenção.

2. Base e Premissas

A começar pelo mais importante: decidir mergulhar no grande mundo chamado essência é ter em mente a definição de filosofia. Filosofia, segundo Pitágoras, significa a busca, o prazer, o amor pela verdade que se constitui em conhecimento (Cabral, 2015). E porque seria isso o mais importante? Somente a partir de tal amor e busca torna-se possível dotar-se do fôlego necessário para imergir no oceano da própria existência e essência individual humana e emergir então com a representação dialética, vinda da consciência tácita, daquilo que foi encontrado no mais profundo eu.

Assim como Sócrates, esta tese anuncia a essência humana como a alma, ou seja, “(...) A alma do homem é a sua consciência. A alma é o que dá ao homem a sua personalidade intelectual e moral. Cuidar de si mesmo é cuidar da própria alma mais do que do corpo”, contendo nela a verdade que tem de se sofrer a fim de que o homem possa conhecer a si mesmo, seus limites e suas possibilidades diante da vida

O primeiro ponto a ser posto é o de que percebemos Sócrates extraindo a verdade ou conclusões do mundo exterior a partir do eu interior; e é a partir deste ponto que se separam os caminhos entre Sócrates e Raízes da Essência, ao passo que esta objetiva justamente o conhecimento do eu interior, do mundo interior, para somente então, como um batismo, retirar o indivíduo da água tendo lúcidas suas capacidades e poder elaborar suas conclusões a respeito do mundo exterior.

Ainda falando da essência, é importante imaginá-la. Imagine que ela seja uma luz que dá vida a todo o seu eu consciente desde sua constituição até todo seu aprendizado moral e, também, pela hereditariedade, tendo em vista que as constituições de partes da essência e de dons diversos adquirem-se hereditariamente também. (Pecotche, 2012)

Recordando-se do oceano da própria existência e da essência individual humana é importante ressaltar que, assim como seu nome propõe, é um lugar presente no interior de cada indivíduo, sendo suas dimensões, cheiros, sabores e densidade características de cada um, que podem fazer de sua

experiência de vida uma viagem agradável ou acompanhada de alguns momentos consideravelmente úmidos por lágrimas.

A essência parte de uma premissa natural e intrínseca ao indivíduo, tendo, por conseguinte, suas raízes que são constituídas pelo ambiente externo; dá-se aqui luz à personalidade. Imergir no oceano é começar a compreender tais raízes.

Definimos essas raízes como aquilo que liga o seu eu primeiro, sua essência ou alma para Sócrates, a todo o conjunto de características da personalidade resultantes de todo o conjunto de acontecimentos dentro ou fora do controle daquele que os sofre desde o seu nascimento até o dia de sua morte. A essência antevê a personalidade, que se constitui em um campo separado desta, sendo a personalidade justamente construída por tais acontecimentos extrínsecos. (Santos, s.d.)

Dado todo o processo citado, o emergir pode trazer consigo dúvidas, porém uma esperança a mais, um sentimento daquele que desperta da letargia e também do estado gregário cultural e ideológico que a tantos atinge e apaga a compreensão dos indivíduos, principalmente quando postos em grupos (Dobelli, 2013). O despertar completo leva tempo, mas quando se trata de ascendência interior, pouco importa a velocidade, e sim a verdade por trás do processo individual.

Dentre os temas que temos visto, podemos perceber os filósofos descrevendo espiritualidade como uma ascendência intelectual. Aquilo que nos eleva a Deus, Aquele que governa todas as coisas, por meio do intuir da ordem natural das coisas e seus valores (Carvalho, 2013). O Raízes da Essência é o estágio inicial e, ao mesmo tempo, último, aquilo que irá trazê-lo a uma nova realidade, não porque antes esta não tenha existido, mas porque talvez nunca tenha sido enxergada.

3. O Bosque – primeiro caminhar

Caminhando lentamente por um bosque, fim de tarde, sol se pondo e aquele claro clima laranja à nossa volta, vindo como um presente dos céus. O vento é agradavelmente frio e esbarra em nossa pele, acompanhado pelo calor tímido daquele que é o protagonista de tal clarão. O som das folhas a serem pisadas é agradavelmente audível também, tudo flui para uma boa reflexão.

Sentamos num banco, parecia ele estar nos esperando, dias e dias ali prestando sua serventia.

É aqui onde se começa a primeira imersão. Você deve conhecer, com sinceridade, quão profundo você é como quão profundo consegue chegar dentro de si; ora, é possível tal descoberta pelo espírito artístico, pois a arte liberta. É, de fato, liberdade para o nosso interior (Giordano, 2012). Começamos então a provar um pouco da arte. As primeiras coisas a pensar são: como imaginar este bosque o faz sentir? Sua imaginação o força a imaginá-lo de outra maneira? Se sim, como? E aqui a última indagação, quais sentimentos estão relacionados ao seu modo de imaginar?

Tratando de maneira mais pragmática, com sinceridade, tente imaginar esse bosque de acordo com cada sensação que achar disponível a ser imaginada, utilize-se das suas lembranças mais fixas e represente-as no seu bosque, como ele ficaria? Seja o mais honesto e sincero consigo próprio, quais são as lembranças que estão majoritariamente ao seu dispor? Você de fato consegue transpô-las para uma representação imaginável ou visível desse bosque? Começamos no ambiente mais calmo possível para que você, em âmbito neutro, possa expor o seu próprio eu nele e deixá-lo compatível com você e como tem se sentido. Permita-se um tempo de reflexão interior, tente olhar para você mesmo e tire suas próprias conclusões sobre o quanto você é e está bem ou mal consigo e com sua vida.

Após algum tempo de reflexão, você deve se sentir como “amolecido”. Sente que está mais sujeito a reflexões, pensamentos, considerações, o próprio amor em seu estado mais sólido e sincero. Independente de como está se sentindo

por descobrir mais de você mesmo é muito importante que use as sensações dessas descobertas como combustível para suas criações e transposições. Estamos chamando sua alma à lucidez.

A começar pelas transposições: uma transposição é transformar coisas de uma representação para outra. Primeiramente, imagine que eu pegue uma folha que caíra no chão e lhe dou. Como ela está? Qual sensação tem ao pensar em sua representação? Agora, a partir de seu sentimento, você está livre para criar. Crie algo a partir do que você sente; seja uma bicicleta no bosque, uma outra folha, um vento, pessoas trabalhando. Vá se aprofundando naquilo que pensou, de onde veio, como você se sente ao pensar nisso, a quem pertenceu anteriormente, com quais pessoas isso tem ligação, ainda que pessoas inexistentes, criadas exclusivamente para o desenvolvimento desta reflexão.

Interiorizando toda essa experiência, tente transpor cada sentimento que lhe for disponível unicamente a uma imagem, após isso, mais uma vez, pense em todos os sentimentos ligados a essa imagem e, a partir desse sentimento, tente transpor o que imaginou de uma imagem para um som, uma melodia, sinta como soa o som que você criou; com este som crie uma personagem em uma cena de uma história que represente seu sentimento, por mais abstrata que esta seja, é sua e representa seu interior, enfim, experimente cada fase, de imagem para som, depois uma cor, um cheiro, uma forma, uma vibração. Transponha, interiorize-se.

Passamos pela criação e pela transposição, este foi seu primeiro contato com o eu, perceba como o sentimento predominante em sua imaginação é o sentimento predominante de sua vida cotidiana, a conclusão disto é que, a partir deste ponto, você sabe como está, talvez tenha descoberto muito mais. O espírito artístico, além de libertador, é vida interior (Távola, s.d.).

Levantamos de um passeio agradável no bosque e caímos diretamente para o próximo lugar do nosso passeio, este sendo o exato oposto do agradável.

4. Campo de Concentração – segundo caminhar

Diferente do bosque, o campo de concentração será visto de maneira extrínseca. O enfoque dado a ele é o tão respeitado médico, judeu e austríaco Viktor Frankl e seu desenvolvimento sobre o sentido da vida.

Para tanto, faz-se necessário a entendimento do que seja vocação. Carvalho afirma que:

Vocação vem o verbo latino *voco, vocare*, que quer dizer “chamar”. Quem faz algo por vocação sente que é chamado a isso pela voz de uma entidade superior [...] Considerações de lucro ou prazer ficam fora ou só entram como elementos subordinados, que por si não determinam decisões nem fundamentam avaliações. (CARVALHO, 2013, pg 44)

Este entendimento de vocação é parte fundamental daquilo que Viktor Frankl desenvolve. Passado ele próprio pela terrível experiência de um judeu no campo de concentração de Theresienstadt, foi sua experiência empírica da vivência do absurdo que trouxe vida à sua teoria. (A Mente É Maravilhosa, 2017)

O sentido da vida baseia-se em encontrar a resposta daquilo que não poderia ser feito por mais ninguém além do próprio indivíduo. (Carvalho, 2013). Por outro lado, o sentido da vocação é o de que ninguém poderia fazer tal ação, ocupar tal posição em lugar de outrem, pois é sua a missão – ou chamado - a cumprir.

Percebemos que existem aqueles que se preparam para desempenhar suas funções, mas existem aqueles que, de fato, nasceram para tal. Isto é vocação, pode-se vê-la claramente no jornalismo de Joice Hasselmann¹, nas aulas do professor Olavo de Carvalho² ou nas tão numerosas obras de Aristóteles³.

O encontrar do sentido da vida é essencial para o despertar e para a manutenção espiritual. Não conseguimos enxergar separadamente uma vida ausente de sentido de uma folha ao vento que, por ele levada, vai sem destino

¹ Demitida da TVEja em 2015, chegou em 2017 sendo eleita a principal influenciadora política do Brasil, pela Revista Negócios da Comunicação.

² Professor de lógica e filosofia, foi consagrado pelos respeitados títulos: O Imbecil Coletivo, Aristóteles em Nova Perspectiva, O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota, O Jardim das Aflições entre outros.

³ Nascido em 348 a.C. Aluno de Platão, foi uma das maiores inteligências presentes no mundo e autor de uma bibliografia incansável de títulos de filosofia, retórica, metafísica, política entre outros.

de praça em praça, resultando apenas em desorientação e frustração interior (Carvalho, 2013, pg 44,45).

Como cristãos, podemos enxergar aqui a glória de Deus de maneira extrema e impassível de ofuscamento, pois, assim como o professor e produtor musical Luis Fernando de Moura Cagnin sempre indaga a seus ouvintes: “O que você pode olhar ao seu redor que não está fadado à destruição?” (Cagnin, 2016). Deus, por definição, nos oferece o transcendente, aquilo que sai deste plano, que vai além do ceticismo cientificista e permite a contemplação do sagrado e do plano eterno, ou no termo mais exato, a transcendência. Esta é a libertação do homem de tudo aquilo que o resume em mero pó neste mundo tão vasto.

Considerando uma vida de sentido e espiritualidade, não poderíamos deixar de falar da vida intelectual em si. Levando em consideração o educador, este tem por vocação ensinar os homens a cuidar da própria alma. Sócrates considerava-se – e era - um educador e, portanto, tinha como tarefa ensinar as pessoas a cuidar mais da alma para que se conhecessem e pudessem conhecer o outro.

Devemos nos libertar de nossos grilhões e partirmos em busca do conhecimento necessário para o despertar. cremos que a fome do conhecimento se torna intrínseca ao ser quando despertada; sendo assim, nasce junto com ela o desejo pela vida intelectual sincera, a partir deste ponto, perder tal estado é como sofrer uma amputação de seu membro mais precioso.

5. Considerações Finais

Necessitamos, de fato, de um sentido maior do que nós mesmos para vivermos, sentido este maior que nossa própria vida. A partir do conhecimento do mundo em que vivemos e do autoconhecimento – nosso próprio mundo, concretiza-se a realização final do homem sobre sua existência.

A partir da maiêutica, indagamos e dialogamos a respeito de nossa essência e da essência da vida; portanto, de acordo com Sócrates, é a partir do questionamento que chegamos ao autoconhecimento para entendermos o mundo à nossa volta.

Ao final de todas as reflexões, chega-se à seguinte máxima: É preferível viver uma vida breve e intensa a viver esta esvaziada de sentido, sem uma real concretização gradual dos frutos da ascensão diária a sua vocação.

Quão bom é sentir que de fato vive para aquilo que foi designado seu nascimento. Quão bom é enxergar-se internamente e, assim, perder diariamente as crises existenciais e viver com sentido de cumprimento do dever. Quão bom é olhar para o outro e desejar a ele ascensão ao bem, é comum ouvir que o ser humano é deturpado e mau por si mesmo. Isto não está errado, mas a chegada de uma consciência moral ao cerne de sua essência pode vir a trazer grandes reflexões e mudanças completas de modo de viver. Quão bom é a ascensão do nosso eu de cada dia.

6. Referências

- Cabral, J. F. (2015). *Pitágoras*. Acesso em 01 de 08 de 2018, disponível em Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/pitagoras-1.htm>
- Cagnin, L. F. (05 de 02 de 2016). Amy Winehouse e Kurt Cobain - O que aconteceu? Acesso em 05 de 08 de 2018, disponível em You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=5Vpne8BD2ys>
- Carvalho, O. d. (2013). *O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Dobelli, R. (2013). *A Arte de Pensar Claramente*. Rio de Janeiro: EDITORA OBJETIVA LTDA.
- Giordano, T. M. (16 de 12 de 2012). *Quando a Arte Liberta*. Acesso em 04 de 08 de 2018, disponível em Unicamp: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/549/quando-arte-liberta>
- Pecotche, C. B. (2012). *A Herança de Si Mesmo*. São Paulo: Editora Logosófica.
- Santos, E. R. (s.d.). *O que determina a personalidade de uma pessoa?* Acesso em 01 de 08 de 2018, disponível em Canção Nova: <https://formacao.cancaonova.com/atualidade/comportamento/o-que-determina-personalidade-de-uma-pessoa/>
- Távola, A. (s.d.). *Artur da Távola: Música é vida interior, e quem tem...* Acesso em 04 de 08 de 2018, disponível em Pensador: <https://www.pensador.com/frase/Nzk5NjU0/>
- A Mente É Maravilhosa. (05 de 08 de 2017). *A biografia de Viktor Frankl: o pai da logoterapia*. Fonte: A Mente é Maravilhosa: <https://amenteemaravilhosa.com.br/viktor-frankl-pai-logoterapia/>
- A Bíblia. (2013). *Jesus Instrui Nicodemos acerca do novo nascimento* (Revista e Corrigida ed.). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- UNIVESP. (19 de 07 de 2010). D07 - Filosofia da Educação - Sócrates. D07 - *Filosofia da Educação - Sócrates*. Acesso em 15 /07/2018 http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=23. Acesso em 17/08/2018.